

A DIALÉTICA DA ORDEM EM GRACILIANO RAMOS¹

Marcos Falchero Falleiros
Departamento de Letras - UFRN

Resumo: A diferença entre *Memórias de um sargento de milícias*, no seu mundo sem culpa, tal como viu Antonio Candido em *Dialética da malandragem*, e a retórica do seco na obra asseverativa de Graciliano Ramos, está na retidão desta, cujo humor cortante expressa uma vontade-de-ordem como vontade-de-justiça, sob conceptualização marxista.

Palavras-chave: Graciliano Ramos, conceptualização marxista, Antonio Candido, Dialética da malandragem.

Na escrita de Graciliano Ramos, o tom teórico da generalização, sob feitiço de escudo-e-grade contra o real, assume pelo lado oprimido uma racionalidade atenta que contorna a impositação de *seriedade* do estilo e repele o mundo num só gesto. Nessa atmosfera global da obra, o *humor* percorrerá o trajeto para a *amargura*. A ironia demonista é o ponto de partida de um otimismo jovial que vai caminhando até o inferno em que se afunda através da “pesquisa progressiva da alma humana” (CANDIDO, 1992:71) durante o transcorrer da obra e da vida do autor.

Uma das presenças assíduas ao estilo de Graciliano Ramos são as “frases nominais”, principalmente as “asseverativas”, como mostra Rolando Morel Pinto: “estas frases, completas em si mesmas” – diz o crítico sobre o tipo geral de frases nominais ao qual as asseverativas pertencem – “expressam juízos universais e tidos como incontestáveis, fora de toda localização temporal ou modal”. Exemplos: “Imaginei-a uma boneca de escola normal. *Engano*”, “*Inútil* consultar Fabiano” (1962:52,55).

Se a impositação teórica da generalização atinge o pessimismo do “inútil”, no gesto de recusa do “dá tudo na mesma”, esse, entretanto, é o modo tático de quem resmunga. Na retórica do xingo há sempre um muxoxo cético do sujeito olhando fixo as uvas da história, durante o desdém.

A hipérbole faz parte da reclamação. Nos traços a esmo de 1921, postos em *Linhas tortas*, a hipérbole ainda era risonha e articulava o massacre quando a ironia colocava aspás sobre o “jejum” da Semana Santa. Se há algum momento em que a retórica da *dúvida* e da desconfiança, calejada, retorna aos primórdios pré-socráticos do racionalismo nas suas origens de *espanto*, é diante da mentira. Sua aderência ao real, a mesma que constrangerá o humor, aí então se manifesta por uma ironia que afirma a mentira simetricamente oposta a “o que é”. Para tanto, a hipérbole é mobilizada pela ironia no arredondamento da generalização – contra a hipocrisia:

¹ Trata-se, com pequenas alterações, de trecho da dissertação de mestrado *A retórica do seco* (USP, 1990).

Levanta-se uma alma piedosa pela manhã, executa uma razoável quantidade de rezas, limpa os dentes, se tem este costume, lava os olhos, senta-se à mesa e ingere uma certa porção de café, uma porção regular, pois isto de jejuar sem café está banido, que ninguém é de ferro.

Às onze horas o penitente almoça um quilo de bacalhau, três pratos de arroz com feijão, uma travessa de folhas de bredo, algumas dezenas de bananas, mangas e outras frutas, café e...só. Alguns engolem também traíra do açude, mas isto não é obrigatório. Mesmo sem ela, fica-se bem jejuado.

Devora-se tudo com fé. Para que a cerimônia tenha valor é preciso haver uma firme intenção no ânimo de quem a pratica.

Depois do almoço, que finda às duas horas da tarde, dorme-se. Enquanto se ronca, proibição completa de mastigar qualquer coisa.

Às sete da noite, acorda-se e ceia-se. Come-se tudo, menos os pratos, que são de louça e necessários se tornam para o serviço do dia seguinte. Faz-se o sacrifício de não jantar, por dois motivos: primeiro porque o jantar quebra o jejum; segundo porque seria difícil encontrar onde colocá-lo.

Dura coisa é o jejum. Quem nunca o experimentou pensa, talvez, que ele seja fácil.

Engano. Não é todo estômago devoto que resiste impunemente a quatro pratadas de feijão com coco e uma banda de curimã assada. Nem toda alma crente tem capacidade para ingerir uma ingente bacalhausada gordurosa, com meio quilograma de cebolas e profusas rodela de batatas.

Antigamente, nos bons tempos de ascetismo, era possível a um cidadão dispéptico penitenciar-se, moderadamente, sem esforço apreciável, com um copo d'água e um pão. Vão obrigar uma criatura assim a deglutir uma peixada de escabeche e meio cento de laranjas! É morte certa, ou, pelo menos, um estrago geral nos intestinos".[...] ("O Índio" – Palmeira dos Índios, abril de 1921) (1980:74).

A linguagem despachada descamba com alegria furiosa sobre a impostura não porque se penitencie numa indignação religiosa. Pela causa da *verdade*, este é um tempo de um puritanismo da razão praticar a carnavalização do jejum e fazer pulular o banquete. Mas já, desde aí, vê-se no procedimento sistemático a filtragem sob os esquemas da razão que organiza o riso.

Para iluminar por contraste a situação do humor em Graciliano Ramos, vale contrapor ao *presépio animado* (PINTO, 1962) de *S. Bernardo*, a leitura do *mundo sem culpa* das *Memórias de um sargento de milícias*, feita por Antonio Candido em *Dialética da malandragem*. Antonio Candido nega o caráter meramente documentário da obra para defini-la como “fábula realista composta em tempo de *allegro vivace*”, “anatomia espectral, muito mais totalizadora” do Brasil joanino – assim como, a partir daí, podemos sugerir como correspondente presença estruturante em *S. Bernardo*, “anatomia espectral” do seu tempo, as expectativas e anseios de organização-modernização do Brasil de 1930. Sob todos os aspectos, o *presépio animado* de *S. Bernardo*, *romance* na plenitude da “forma da virilidade amadurecida”, no dizer de

Lukács (2000: 71), mostra-se como conquista hipotética da ordem. A obra expressa a tendência ideológica brasileira, que se adensa nesse período à esquerda e à direita, de crítica à “desordem”, à “preguiça”, à “estagnação decadente”, enquanto no *mundo sem culpa* de *Memórias de um sargento de milícias*, o “realismo brandamente fabuloso”, que Manuel Antonio de Almeida nos mostra, é regido pela convivência feliz no *romance-de-fadas* entre a ordem e a desordem:

Na limpidez transparente do seu universo sem culpa, entrevemos o contorno de uma terra sem males definitivos ou irremediáveis, regida por uma encantadora neutralidade moral. Lá não se trabalha, não se passa necessidade, tudo se remedeia. Na sociedade parasitária e indolente, que era a dos homens livres do Brasil de então, haveria muito disto, graças à brutalidade do trabalho escravo, que o autor elide junto com outras formas de violência. Mas como ele visa ao tipo e ao paradigma, nós vislumbramos através das situações sociais concretas uma espécie de mundo arquetípico da lenda, onde o realismo é contrabalanceado por elementos brandamente fabulosos: nascimento aventuroso, numes tutelares, dragões, escamoteação da ordem econômica, inviabilidade da cronologia, ilogicidade das relações. (1970:88).

Conquanto mantenha pela formalização do modo *despachado* vínculos de opção com o estilo baixo – tal como Walnice Nogueira Galvão qualificou o das *Memórias de um sargento de milícias*, na linha de análise que indaga o encanto que a obra provoca – o humor asseverativo da generalização em Graciliano Ramos não participa simpaticamente, entretanto, da irreverência popularesca de que fala Antonio Candido, embora também chacoalhe nesse balaio a pretensão pomposa das ideologias à direita. Ao contrário da “sabedoria irreverente, que é *pré-crítica*”, das *Memórias de um sargento de milícias*, mas também longe da “linguagem convencional de um grupo restrito, comprometido com uma certa visão do mundo” (1970:87), como Antonio Candido fala das elites, a respeito de Alencar, ao contrapor seu estilo ao de Manuel Antônio de Almeida, a vontade de ordem em Graciliano atua criticamente contra a classe dominante, de onde vem, negando-a desde o ponto de partida, descendente, que passa do burguês ao pequeno-burguês e daí à proletarização: *S. Bernardo*, 1934, *Angústia*, 1936, *Vidas secas*, 1938.

O limite deste comentário pode ser sentido se multiplicarmos, em relação ao que foi dito acima sobre Graciliano, as dificuldades que Roberto Schwarz encontra em *Dialética da malandragem*, onde, afinal, constata que no ensaio “a forma literária recebe um tratamento mais estruturado que a realidade social”:

Assim, entre as várias observações de Antonio Candido sobre a história social brasileira insistimos na que para este efeito é principal, naquela que constrói a dialética da ordem e desordem a partir da situação dos homens livres e pobres no interior da ordem escravista.

Entretanto, no corpo do estudo este argumento é um entre outros, embora dominante, e estão mencionados igualmente a precariedade da ordem matrimonial, cercada de mancebias e uniões fortuitas por todos os lados, e o modo meio lícito e meio ilícito pelo qual se formavam famílias, fortunas, prestígios e reputações no Brasil urbano da primeira metade do século XIX. É um conjunto de observações organizado pela sua *afinidade* com a alternância de ordem e desordem, e portanto com a forma das *Memórias*, mas não é uma *totalidade*. Antonio Candido é estrito na construção crítica da forma e na descrição de sua pertinência social, mas no plano da história prefere uma construção mais solta. (1987:150).

O *modo-de-ser-brasileiro*, instância teoricamente problematizada por Schwarz a respeito do ensaio de Candido, tem existência pelo menos na sua afirmação ideológica, sendo assim presumido. Dentro do limite acima referido, é possível argumentar, entretanto, que sem ser plenamente negado, esse modo-de-ser é escovado a contrapelo pela atitude conceptualizante da obra de Graciliano Ramos, no contexto do ordenamento sistemático da história que ela realiza – para botar ordem na casa da história, sob concepção marxista.

Portanto, se, como viu Walnice Nogueira Galvão, temos em Leonardo o ancestral de Macunaíma (1976:32), linha da malandragem num estágio *pré-crítico* que Antonio Candido batiza, aprofunda até Pedro Malazarte, a Gregório de Matos e estende a Serafim Ponte Grande, entretanto, na contracorrente de Graciliano Ramos, o humor cortante do riso a seco, que se esgota em desespero, institui a linha *crítica* da seriedade, que traz para a tal dignidade do “estilo alto” uma perspectiva popular altamente racionalizada, isto é, revolucionária-marxista. Somem daí “homens cordiais”, “luxúria” e “trópicos”. E “Jeca Tatu” é o Padilha, o dono. Na forma e no conteúdo, implicados, a obra de Graciliano Ramos é uma novidade ideológica de definições frente ao Brasil velho e as “constantes culturais” (SCHWARZ, 1987:150) que a ideologia dominante procura ansiosa e nostalgicamente cristalizar.

Dialética da malandragem apareceu como um ensaio lírico que se encerrava num *allegro vivace* posto sobre o peso melancólico do crítico, que vivia, na maturidade, o fascismo militar de 1970, no Brasil. Como réplica irônica àquilo que ouvíamos no ginásio, e que já Padre Silvestre dizia em *S. Bernardo*, a respeito de o povo brasileiro ter um espírito que jamais se adaptaria à disciplina da sociedade comunista, Antonio Candido nos propunha, como um bálsamo de *Pasárgada*, que nosso presumido caráter tinha vocação para um “mundo aberto”, avesso ao puritanismo capitalista. Com isso ele dizia que o povo brasileiro tinha um “jeito” avesso ao fascismo militar positivista, que mais uma vez vencedor da luta de classes, havia mais uma vez roubado a “vontade de ordem” – impulso civilizatório expresso na vontade de justiça – para malandramente fingi-la, impondo sua versão pela goela abaixo dos oprimidos, para assim impedi-los da construção revolucionária, a cujo desejo a obra de Graciliano Ramos dera expressão durante a história dos anos 30.

Aos poucos, a ironia de Graciliano, que convive com a hipérbole, risonhas com as contradições, vai passando a um riso abafado, submetido pela hipocrisia do mundo vencedor por onde transita Fabiano durante o Estado Novo de 1937. Mas quando a ironia se apresenta sobre o sujeito, o riso a seco do narrador apresenta-a externa à subjetividade, cuspidando o adjetivo do mundo: “E vieram-me chineladas e outros castigos *oportunos*” (1984:81). A retórica do seco sempre fisga, pelo sentido preciso da denotação da palavra, sentido *dicionarizado*, a ironia da sua aplicação no contexto que, apesar de sua exatidão semântica, mostra-a revertida contra ele.

O olhar divertido de *Caetés* se esgota gradativamente, até que o riso a seco do narrador não mais replique a ironia do mundo. Contra ela, ocupa o lugar invisível do Deus bíblico, seu olhar solidário e impotente ocupa o espaço do olhar caprichoso, sádico, das cenas do livro de Jó. O último capítulo de *Vidas secas* anuncia um doloroso caminho pela história. Depois de mostrar-contar até aí, o narrador sobriamente se retira, porque já chegou até a fronteira do presente. Ele manteve a presença pairada da onisciência luminosa, no deserto, para corrigir o olhar bíblico, ansioso por rompê-la no alcance de seus personagens, por quem fala, resmungando silencioso como um Deus impotente, de onisciência limitada ao presente da história, mas que vê mais além do que a consciência lacerada dos sem-palavras. Diz Alfredo Bosi em *Céu, inferno*:

À luz do ciclo maior do capital, que atrai o pobre do sertão à cidade, as imagens finais de Fabiano aparecem como signo da impotência de quem não percebeu a marcha da sua própria história e a fatalidade que a constitui. Mas o narrador as conhece e pode anunciá-las. (1988:12).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOSI, Alfredo. Céu, inferno. In: *Céu, inferno*. São Paulo: Ática, 1988.

CANDIDO, Antonio. Dialética da Malandragem. In: *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, nº 8, São Paulo: Universidade de São Paulo, 1970.

———. *Ficção e confissão*. São Paulo: Editora 34, 1992.

GALVÃO, Walnice Nogueira. No tempo do rei. In: *Saco de gatos*. São Paulo: Duas Cidades, Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia do Estado de São Paulo, 1976.

LUKÁCS, Georg. *Teoria do romance*. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2000.

PINTO, Roland Morel, *Graciliano Ramos – autor e ator*. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Assis, 1962.

RAMOS, Graciliano. *Infância*. Rio de Janeiro: Record, 1984.

———. *Linhas tortas*. Rio de Janeiro, São Paulo: Record, 1980.

SCHWARZ, Roberto. Pressupostos, salvo engano, de *Dialética da malandragem*. In: *Que horas são?* São Paulo: Companhia das Letras, 1987.